

REMEMBER
REMEMBER



Retratos
imaginários
na terra das
pedras - águas

Expediente

Textos e imagens produzidos na oficina "Publicações Literárias Independentes", realizada no 4º Encontro de Comunicadores/as do Vale do Jequitinhonha. Pedra Azul, verão de 2015. Lua Nova. Época de flora do feijão das águas.

Participantes: Bruna Lubambo, Caio Paranhos, Danilo Alves, Joelena Mendes, Luis Santiago, Rafael Pereira e Sãmia Bechelane.

O papel utilizado na capa desta publicação é sobra do processo de impressão do livro "Reflexos ao Calor do Vale", do fotógrafo Lóri Figueiró, de Jenipapo de Minas. O autor também cedeu gentilmente imagens impressas para utilização nesta oficina.

ARTE DA CAPA: SERIGRAFIA





Pela porta aberta posso ver o quintal da casa vizinha, casa antiga como esta onde estou; o quintal com muitas árvores frondosas; as frutas podres caídas pelo chão espalham um perfume adocicado que lembra crianças lambuzadas, lembra avós doces e serenas.

Luís Santiago



Daqui de cima vejo cada pessoa passando pra lá e pra cá. Umas correndo, outras caminhando feito tartarugas.

Elas olha pra mim com um olhar de admiração.

Algumas chega dizer que eu sou uma negra de cabelo ruim que meu batom tá muito vermelho.

Mais elas nem imagina que já namorei muitos nessa vida. Hoje a família cresceu, não tenho tempo para mais nada. Cuido de tudo, da casa, e o tempo que me resta é pra ficar daqui e cima olhando as pessoas passando.

Pra quem não me conhece, meu nome é namoradeira.

Rafael Pereira

Reuniram-se na capoeira para festejar a coroação do rei e da rainha, que vão reinar ao longo do ano no arraial do Rosário.

Os juízes estavam todos lá, todos os irmãos também, alguns vieram das comunidades vizinhas, pertenciam a outras irmandades e coroavam seus próprios reis e rainhas em uma data diferente.

Os caboclos e os marujos também participaram da festança, mas regressaram para suas comunidades depois que o banquete foi servido na casa da rainha.

Os irmãos do rosário se reuniram na capoeira e batucaram ao longo da noite.

Luís Santiago

Pós de farinha voa pelo ar,
neste saco de linhagem
tem história pra contar.

Lua Osodrac

O fato precede o riso
A roupa compõe a cor
Dia claro, água e sol: o amor
Juntas, elas são poema vivo.

Sâmia Bechelane

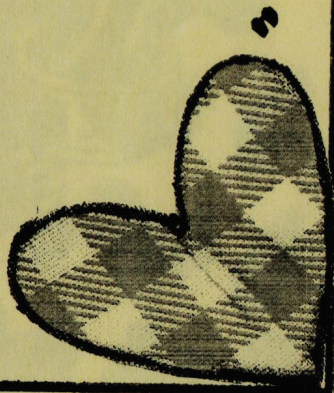


- Posso começar?
 - Ai, não, tenho vergonha...
 - Mas que bobeira! Ninguém vai ver.
 - Mas eu não quero, isso vai é sair na TV!
 - Não, vó. É só pra gente treinar!
 - Bobeira a gente fala só entre a gente mesma, menina.
 - Mas vó, então repete! Juro que não vai sair!
 - Deixa disso, não conto mais!
- [Risos]
- Ah, menina, de que tá rindo?
 - É que já tava te gravando, vó!
 - Aaaaah, menina! Deixa você comigo! Deixe eu ver essa máquina! Daí!

Sâmia Bechelane

Abro a janela do meu coração pra entrar luz e brisa de Vale. O que vejo é o vento, o que sinto é a serra, azul de água-marinha e céu de nuvem branca. Pedra Azul se chama, me chama, também convida suas pessoas no vaivém. É branco e calmo o dia, o alento é doce. Estou.

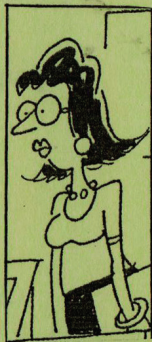
Sâmia Bechelane

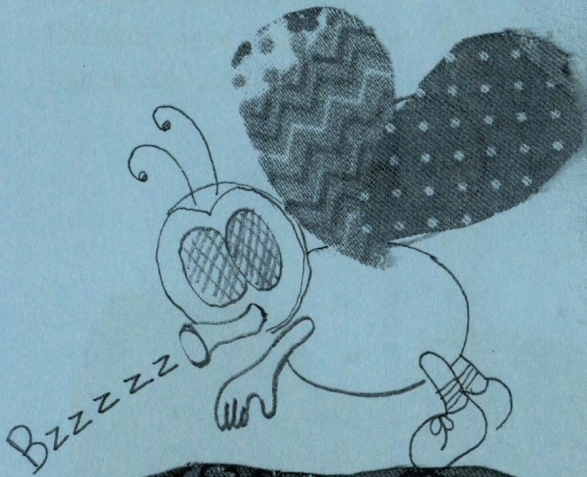


24 JAN 2015

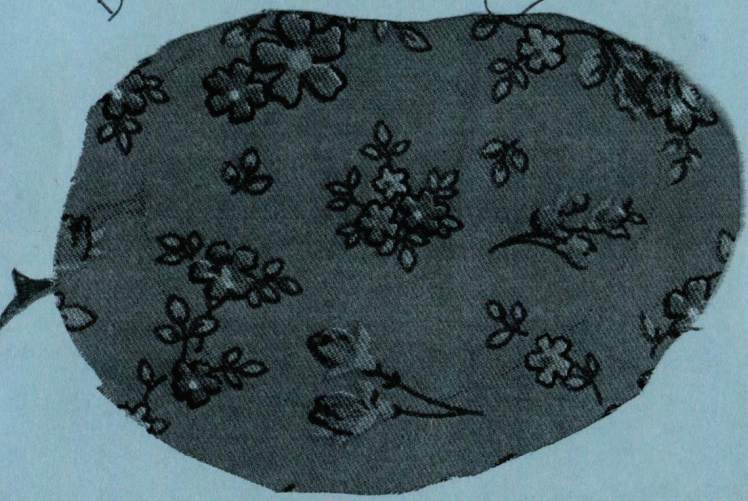
Lá vai ela e eu sempre acompanhado, ela reclamando do peso, falando de mim, dizendo assim: “ah, esta velha sacola não está me ajudando”. #indignada.

Lua Osodrac





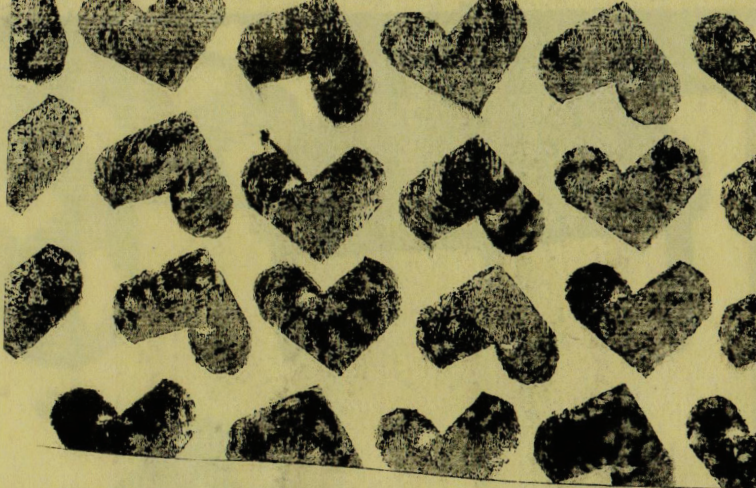
Bzzzzz



- Oi.
- Oi.
- Você está vendo aquelas mangas?
- Sim!
- E o que acha de voarmos sobre elas e devagar, bem devagar, bem devagar mesmo, pousar nelas.
- Pode ser!
- Te falei! Devagar.
- Não reclama, quem levou a mãozada fui eu, e quem tá com com olho roxo sou eu...

Lua Osodrac

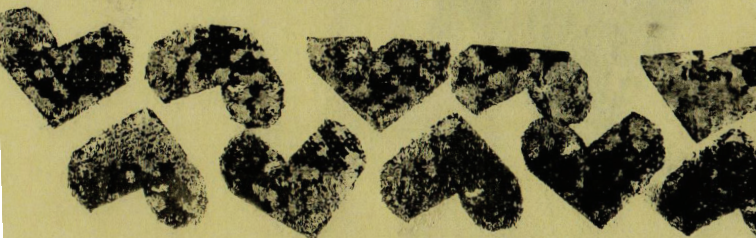




E se Jesus não voltar? Pra que vai ter servido a
marcha para ele? Pra que vão ter servido tantos anos
dedicados sem poder fazer as safadezas preferidas?

Pra que vai ter servido tanto tempo condenando o
outro e alimentando violências? Se Jesus voltar negro,
gay, travesti ou mulher, vai ser crucificado de novo.
Quem sabe ele já não esteve por aí e ninguém deu
atenção? Só o amor salva.

Caio





A cidade é cercada por quatro pedras; da Montanha, da Rocinha, do Cruzeiro e da Conceição.

Um dia esta cidade foi uma aldeia indígena, índios da nação panhame, também chamados catiguçus, por causa deles, o arraial recebeu o nome de Catingas; depois foi chamado Fortaleza, justamente por estar cercado pelas quatro pedras.

Luis Santiago

Assim que te avistei, por tempos que em ti passei e pelo o que em ti vivenciei, te digo...

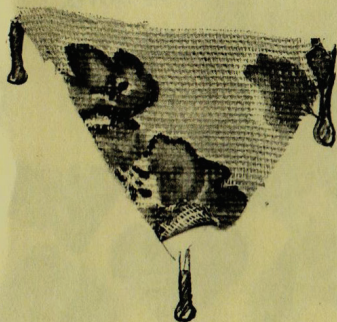
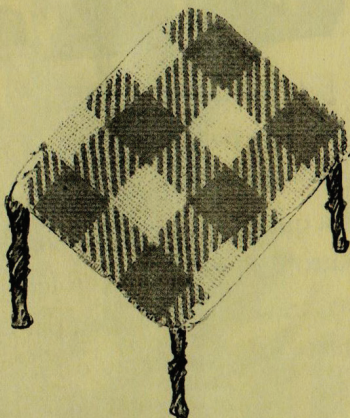
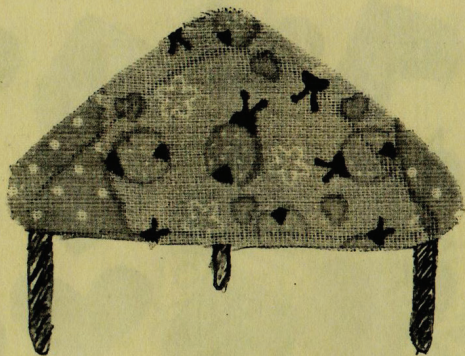
De fascinante beleza, és coroada majestosa pela natureza.

Rodeada de imponentes morros, tem em si encantadores contornos, onde cravados neles estão sua história.

Casarões, lenda, povo acolhedor, pedras, luz, calor, que sob o sombreado do seu tom azul,

Nos apresenta o que vem a ser Pedra Azul.

Joelena Mendes



É noite de sexta. Embalados pela curiosidade de conhecer a noite desse lugar, foram passear. E logo, como diziam...

- Animação pouca é bestage!

Bar ali, havia tantos. O escolhido, no entanto, nada tinha de especial. Localizado em uma tranquila pracinha típica de uma cidade pequena, ali sentaram. Logo pediram a cervejinha de sempre. A pinga não pode faltar.

- E quais as outras opções? - Alguém perguntou.

- Traz o cardápio!

- Que cardápio? Disso aqui nem ouvimos falar!

- Peça, digo se temos.

Logo deixaram para lá. Como talento não lhes falta, violão começaram a tocar.

- Toca um brega!

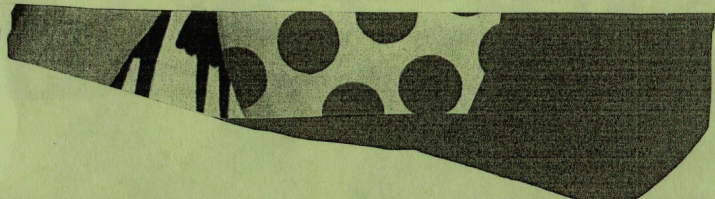
Primeiro pedido. Embalados pela tal animação, claro que não ficaram só nessa canção.

Joelena Mendes



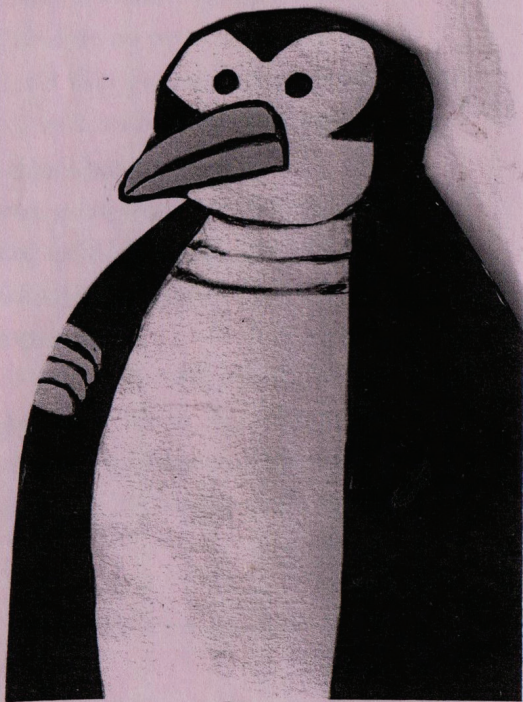
Meu corpo foi usado como arma,
Minha boca por tantos foi beijada.
E hoje justo hoje é que fui reparar que o vestido
vermelho
que usei quando nova agora vive a me incomodar.

Lua Osodrac



Amanhã talvez não veremos o amanhã. Nem tampouco entraremos na igreja. Eu vestido de pinguim e você de branco. E talvez para mim não haverá netos, filhos, enfim, amanhã.

Lua Osodrac





E assim, o som do tambor ouvi!

Ao som do batuque nasci.

Ao som do batuque me criei.

Ao som do batuque amei, amo e saudarei,

Amores passados que vivo no raio da saudade.

Tocando tambor... não qualquer tambor,

Mas esse tambor... Ah! Vivi... sei que vivi...

Vivi momentos que dão sentido à minha vida!
Sentimentos e conquistas que temperam e dão gosto,
o gosto de viver!
Ao seu som, bateu meu som e assim vivo e revivo
E vejo minha história acontecer.

Joelena de Jesus Mende.



Santa Luzia olha voinha toda manhã.
Elas devem ser amigas.
Talvez Luzia já tenha morrido,
Por que não lembro de ter conhecido ela.
Bruna Lubambo

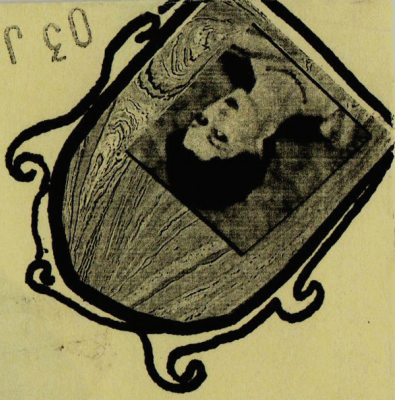
Daqui vejo voinha rezando
Rezando, rezando seu terço infinito.
O padre fala na TV coisas que voinha gosta de dizer
Só que voinha fala muito mais bonito.
Voinha tem cheiro de colcha florida e sabão em pó.
Acho que ela se perdeu no terço.
Foi olhar o passarinho e pulou um credo.

Bruna Lubambo

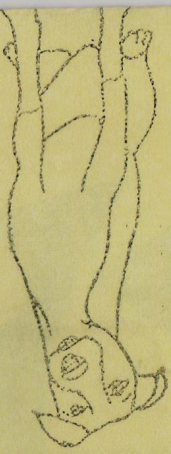


- Olha Joana, que santa bonita!
- Pois é, Maria, todos os dias pela parte da manhã, antes do sol pontar, eu venho aqui nessa praça, sento naquele banco ali, e vou conversando com essa santa. Papo vai, papo vem.
- Ué, Joana, a gente conversa com uma estátua?
- Ô Maria, deixa de tu ser abestada traste, é conversa de imaginação, porque ela não fala, né Maria?
- Mais, ó Maria, tudo que eu peço santa Conceição pra fazer pra mim, ela faz. Todos os dias, antes de me deitar, queimo uma vela no cope de alumínio pra ela. E ela, Maria nunca me deixou na mão.
- Hi, hi, hi, hi! Joana, cê tá doida, queimando vela pra uma pessoa que não fala! É, Maria, tu é besta mesmo, é a sua fé que te faz enxergar e além!
- Mais, ô Joana, o que é fé?
- Fé, Maria, sabe, o que é? É você enxergar mesmo sabendo que é cega. Isto é ter fé. Agora vou embora que eu ainda tenho que aprontar o almoço para José.
- Ó, minha santinha, amanhã venho ver a senhora de novo.

03 JAN 2024



Algo se



Aluga-se este imóvel

Casa de fachada:

Uma porta

Uma janela

Outra janela

Mais uma porta

E 3 janelas!

Tudo azulzinho,

Claro e escuro.

Tem meio fio para sentar

Tem banco pintado de cal

Tem sombra na calçada

E aposto que tem quintal.

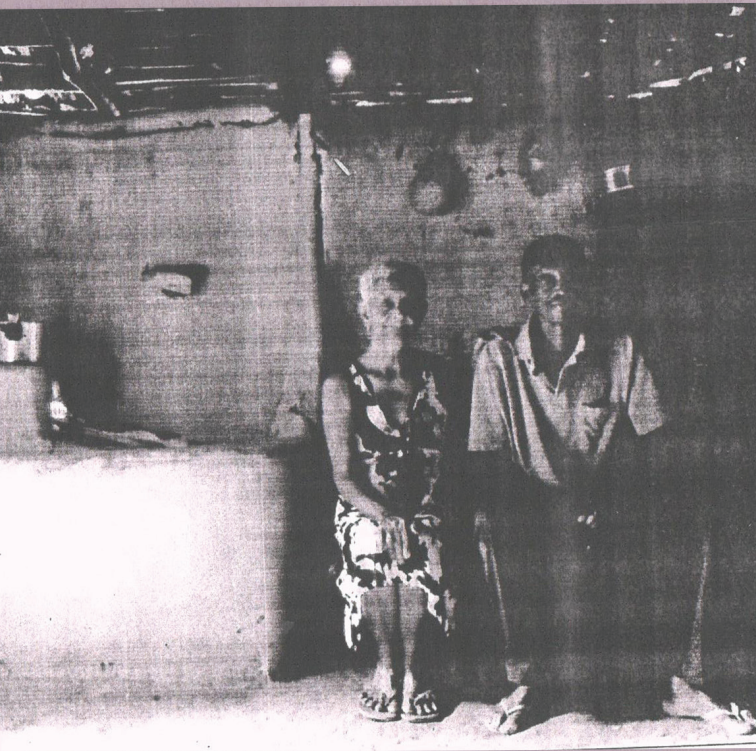
Bruna Lubambo



PLANAR 2018

Entre meus olhos azuis,
escondem marcas, segredos.
Entre eles sinto o peso
Do mar, sinto o longe
E o passado a me perturbar.
Nele vejo marcas de batom,
Shows de meretriz,
Casamento entrelaços,
Histórias felizes.
Vejo morte,
Mas vejo nele todos os dias,
O amor que bem me quis nestes olhos azuis.

Lua Osodrac



Há tantos anos estamos juntos nessa vida árdua do campo, eu e minha velha, tantas coisas já se passaram em nossas vidas, coisas boas, coisas ruins, mas estamos aqui aproveitando esse restinho de vida que nos resta, com os filhos tudo criados, que saíram pra trabalhar na capital, os meus filhos chamam nós para irmos morar na capital, mas falo com eles que quero continuar aqui nesse Vale onde gosto muito, ao som de minhas folias de reis.

Rafael Pereira

Sei o que não sou,
Que aliás não quero mais ser.
Não sou mais velho guarda roupa
Nem sou o velho gole de água ardente
Nem velhos tragos de um cinzeiro.
Lancem os dados e que vença o melhor

Lua Osodrac

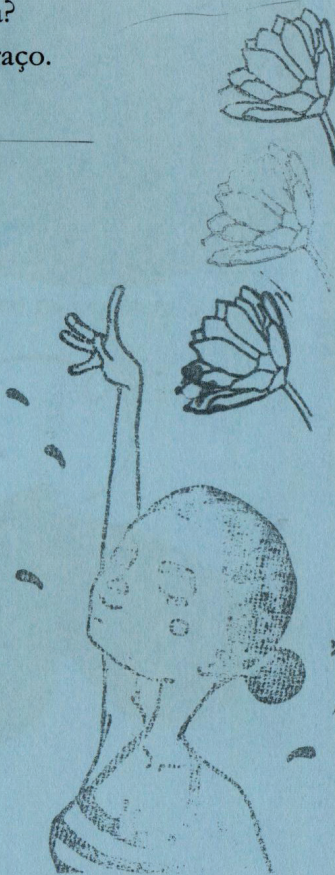
questões de verso e vanguarda

chega

ficção

- Um pedinte não mendiga o que comer só porque está desarrumada, não é verdade mamãe?
- O que está falando menina?
- Está aqui mendiga, um abraço.

Lua Osodrac



Pedaços de mim são papéis
Que panfleto, de graça na
Rua, escura
E com eles vão meus sonhos
Meus amores, meus planos,
Panfletando na rua...

Lua Osodrac

ONG
politicamente, incl
de-nos a ajudar a no
www.ongpi.com.br
Sua de divers
frutas lustral
ve que é orell
nunciando a um suco por apenas
Graduação desde 1957
Abrir Lanches

Portal de
tos, roupas e acess
lab de Criação
chic
11 3507-7304

riz de Marketing,
icação e Negócios.
Livro e e-book.





FOR
ARTISTS